

# BRASÍLIA NA THESIS

Sylvia Ficher

Brasília. Uma das mais consequentes ações geopolíticas nos quinhentos anos de história do Brasil e hoje sua terceira região metropolitana, ainda é de arquitetura e urbanismo que se fala quando o assunto é Brasília. Aproximando-se a comemoração dos seus sessenta anos, nada mais apropriado do que um número da *Thésis* dedicado à já não tão nova Capital Federal.

O imperativo da situação explica a seleção ora apresentada, constituída por artigos inéditos complementados por outros publicados anteriormente, porém atualizados para a presente ocasião. O que esperamos não tenha eximido uma escolha criteriosa que permitisse discutir Brasília como ela merece.

A seleção se inicia com um alerta. Lenora de Castro Barbo & Andrey Schlee, em “Uma modalidade arquitetônica primitiva e autêntica”, deixam claro: Brasília não foi construída em terras virgens, aqui havia muito passado.

Vamos rapidamente para o objeto urbanístico celebrado. O que fica sob a responsabilidade de Luis Recamán e Guilherme Wisnik, em “O desenho de Brasília” e “Brasília: natureza reinventada” respectivamente. Objeto que logo teve um desenvolvimento autônomo, como captou com sensibilidade Philippe Panerai no capítulo escrito especialmente para a edição brasileira de seu livro *Analyse urbaine (Análise urbana, Brasília: EDUnB, 2006)*, aqui republicado de modo a receber a visibilidade que merece. E que irá rapidamente se multiplicar em inúmeros novos assentamentos no entorno do Distrito Federal, contribuindo para o acelerado processo de urbanização que Brasília patrocinava. Como no caso de Alexânia e Abadiânia, estudadas por Pedro Henrique Máximo Pereira & Ricardo Trevisan.

Voltemos o olhar para a arquitetura, começando, inescapavelmente, por aquela de Oscar Niemeyer. Umhas poucas, porém relevantes, de suas inúmeras obras na cidade fazem presença, seja pelo viés da concepção – em “Congresso Nacional: procedimentos projetuais e arquitetura brutalista”, de Danilo Matoso Macedo & Elcio Gomes da Silva, seja pelo viés construtivo – em “Estruturas metálicas no concreto de Brasília”, de Elcio Gomes da Silva & Danilo Matoso Macedo; e “Pré-moldagem à brasileira: Niemeyer, acadêmicos, teólogos e milicos: 1962-68”, de Juliano Caldas de Vasconcelos. Sua crucial atuação na Universidade de Brasília não poderia ser esquecida. Christine Ramos Mahler analisa sua realização de maior relevo no campus, o Instituto Central de Ciências, o famoso Minhocão. Como contraponto, Andrey Rosenthal Schlee analisa a sua concepção não efetivada para a Praça Maior da UnB.

Desempenho tão intenso teve seus defensores apaixonados, a tal ponto que alguns deles chegaram a se revoltar diante da possibilidade de outras arquiteturas e de outros arquitetos profanarem a então ainda jovem cidade. Atitude de Darcy Ribeiro em circunstância explorada com verve por Andrey Schlee em “Très brut. Nem tão vitrineira, nem tão tola...”

Outras arquiteturas e outros arquitetos, inclusive de outras nacionalidades, podem ser apreciados nas sedes de inúmeras embaixadas, atributo de uma capital federal estudado por Sylvia Ficher & Paulo Roberto Alves dos Santos em “Conexões internacionais: arquiteturas estrangeiras em Brasília”.

Falar em outros arquitetos exige que seja devidamente reverenciada a contribuição de Lelé Filgueiras Lima. Obra tão estudada, vai aqui representada por sua última realização na Universidade de Brasília – o Beijódromo de Darcy Ribeiro, analisado por Cláudia Estrela Porto. Adalberto Vilela nos traz um aspecto pouco explorado, ao discutir os “Desafios da preservação da arquitetura racionalizada de Lelé no Brasil”.

Retomemos a dimensão urbana. Em 1987 o Plano Piloto de Brasília – abrangendo também seus arredores – foi tombado pelo Governo do Distrito Federal e incluído no Patrimônio da Humanidade da UNESCO. A condição de primeiro exemplar do Movimento Moderno assim abalizado veio colocar problemas patrimoniais inéditos, agravados pela extensão da área afetada. Para discutir tais problemas, ninguém mais qualificado do que Carlos Madson dos Reis, superintendente do IPHAN no Distrito Federal (2014-2019) e responsável pela principal revisão dos marcos legais que orientam a sua preservação. Marcos legais por mim detalhados em “Brasília: legislação patrimonial e gestão urbana”.

Encerrando nosso passeio, uma seleção de fotografias de Eduardo Rossetti serve de introdução a dois artigos que pensam a Brasília de hoje: “Espaços públicos de Brasília: uso, apropriação, valorização e transformação”, também de Rossetti, e “Brasília, longa duração”, de Marta Bogéa.